



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

REFLEXOS DE KEHINDE: O CORPO NEGRO ESPELHADO EM UM DEFEITO DE COR

Júlia Dias da Silva

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
julia.ddias@gmail.com

Resumo: *A sociedade precisa reconstruir o imaginário social da mulher negra*, esta afirmação da intelectual negra Sueli Carneiro provoca a reflexão acerca de como este imaginário também é construído na literatura brasileira. A representação literária é a relação de sentido estabelecida entre o real e o imaginário, no entanto estão entre os questionamentos-incômodos dos movimentos negros – fortemente amplificados pelas vozes de negras mulheres – como se dão tais representações literárias? (Re) configurar discursos demarcados, romper com paradigmas racistas, sexistas e classicistas têm sido a luta cotidiana de mulheres negras que forjam espaços e (re) criam nossas histórias. Das múltiplas representações, no espaço da literatura brasileira, corpos negros foram relegados. Corpos negros escravizados. Corpos-objeto. Corpos desumanizados. Corpos sem voz. É neste lugar que as negras-vozes-escritas rompem com o paradigma [branco] estabelecido. São atos políticos, sociais, culturais e literários que nos libertam de padrões desumanos e estereótipos. É uma produção literária de cunho político que nega a margem, no seu sentido pejorativo, e protagoniza histórias. O fio condutor deste trabalho é a análise de trechos da obra *Um defeito de cor*, buscando pensar as formas como Ana Maria Gonçalves cumpre papel fundamental na literatura negro-brasileira. Em uma narrativa que abrange mais de 80 anos de história, é possível compreender – pelo olhar de Kehinde – o contexto histórico do Brasil escravagista do século XIX, bem como analisar de que forma deu-se a construção social acerca dos

¹ Segundo Carrascosa et al.(2017, p.21): “A palavra diáspora, associada ao movimento de dispersão de comunidades geograficamente territorializadas e eticomoralmente ativas, ao nomear os movimentos negro-atlânticos funciona como reversora do sentido implícito de perda sublinhado na separação para reafirmar a continuidade diferencial e constantemente reatualizada dos vínculos éticos-culturais e estéticos-

corpos negros sob a ótica de quem mais sofreu/sofre com as feridas da escravização: as mulheres negras.

Palavras-chave: Literatura negro-brasileira, mulheres negras, diáspora africana.

Esta escrita perpassa pelo meu pensar-agir enquanto mulher negra em trânsito. O trânsito que remete à autoidentidade, à identidade coletiva, às dores e às lutas da (re) existência do povo negro em diáspora¹. Encontro no porto de São Salvador a força da ancestralidade para compor, emocional e epistemologicamente, reflexões acerca das produções intelectuais e literárias de mulheres negras. Especificamente em minha pesquisa no Mestrado, em que meu objeto de estudo é o romance “Um defeito de cor” e as [possíveis] leituras da obra a partir do Feminismo Negro, a voz de Ana Maria Gonçalves ecoa e traça rotas que conduzem a experiências subjetivas e que remontam às memórias – individuais e coletivas – de corpos negros femininos que se ressignificam na atroz afrodiáspora forçada. Permito-me pensar acerca do constructo de reflexos e reflexões de nossos corpos no mundo² que são embarcação, que têm cor, têm corte e a história do nosso

corporais entre as subjetividades e comunidades que se tornam afrodiáspóricas nos diversos tempos e espaços localizados nas rotas do Atlântico Negro”.

² Referência à música “Um corpo no mundo” da cantora e compositora baiana Luedji Luna. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/luedji-luna/um-corpo-no-mundo/> Acesso em 17 de agosto de 2018.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

lugar. Tal escrita tem sentido uma vez que, consoante com Carrascosa et. al (2017, p. 20),

Depois de tantos séculos passados, persistimos em reler e renarrar a face injuriosa da afrodíaspóra em conexão com a potência que essa “força maior” nos mobilizou a criar. Uma conectibilidade entre os diversos locais afrodiaspóricos que cresceram na sobrevivência e resistência de povos afrodescendentes avoluma-se e se torna urgente cada vez mais no projeto que vai ganhando o corpo de um transnacionalismo negro.

A produção intelectual e literária de mulheres negras – aqui representada por Ana Maria Gonçalves –, por vezes, reconstrói vivências e aciona memórias coletivas do passado escravocrata do Brasil e do presente que herdou a estigmatização dos corpos negros privados de identidade social, intelectual e cultural. Para Nascimento (1989): “A memória são conteúdos de um continente, de sua vida, de sua história, do seu passado. Como se o corpo fosse o documento”. Assim a recriação das narrativas e das imagens do povo negro, desvinculada do padrão hegemônico que desumaniza e aniquila nossa (re) existência, constitui uma força-motriz para resgates históricos, representações identitárias e protagonismo negro. A identidade cultural,

em produções literárias, por exemplo, na escrita de mulheres negras,

tem suas histórias, e as histórias, por sua vez, têm seus efeitos reais, materiais e simbólicos. O passado continua a nos falar. Mas já não é como um simples passado factual que se dirige a nós [...] [Ele] é construído sempre por intermédio de memória, fantasia, narrativa e mito. (HALL, 1996, p. 70)

Das múltiplas representações, no espaço da literatura brasileira, produzida majoritariamente por homens-brancos-elitistas, corpos negros foram relegados. Corpos negros escravizados. Corpos negros mão de obra. Corpos-objeto. Corpos desumanizados. Corpos sem voz. A literatura ainda constitui-se em um espaço de privilégios, tanto no que se refere à produção, quanto na reprodução de ideias reproduzidas por aqueles que ocupam em predominância este espaço. Da sua formação até a contemporaneidade, a produção literária está calcada na reprodução de estereótipos³ em que se enquadra a figura do negro; a negação da diferença resulta na invisibilidade e na não-afirmação da identidade negra.

Se, por um lado, o cenário literário ilustra imagens deturpadas e contribui para a ausência

³ Segundo Homi Bhabaha (1998, p.105) “o estereótipo, [...] principal estratégia discursiva, é uma forma de conhecimento e identificação que vacila entre o que está

sempre ‘no lugar’, já conhecido, e algo que deve ser ansiosamente repetido”;



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Dilemas da Classe

de representação de grupos tidos como minoritários, por outro lado emerge a produção de autores e autoras negros e negras que subvertem e forjam espaços construindo narrativas que inscrevem as experiências do povo negro na sociedade brasileira. O fazer literário, principalmente, de mulheres negras brasileiras, caracteriza-se como auto representação. Martins atesta que:

A textualidade afro-brasileira, nos variados âmbitos em que vivifica, oferece-nos um amplo feixe de possibilidades de percepção, de pesquisa e de fruição, caligrafando a história e a memória dos sujeitos e das diversas opções textuais que a inscrevem na cartografia estética de nossa cultura. Como afrografias, nos voltejos vocais, nas gargantas das pautas ou nas espirais do corpo, essa literatura traduz-se em lumes e saberes (2007, p.82)

O corpo negro, com a sua subjetividade, não é corpo do outro, é um corpo com voz e que vai contar sua própria história. Trata-se da reflexão em torno do discurso da negritude, o corpo negro enquanto enunciador e a compreensão acerca da diferença entre teoria e experiência. É neste lugar que as negras-vozes-escritas rompem com o paradigma [branco] estabelecido. São atos políticos, sociais, culturais e literários que

nos libertam de padrões desumanos e estereotípias. Para a escritora Miriam Alves:

É de um lugar de alteridade que desponta a escrita da mulher negra. Uma voz que se assume. Interrogando, se cobra. Indignada, se indigna. Inscrevendo-se para existir e dar significado à existência, e neste ato se opõe. A partir de sua posição de raça e classe, apropria-se de um veículo que pela história social de opressão não lhe seria próprio, e o faz por meio do seu olhar e fala desnudando os conflitos da sociedade brasileira (ALVES, 2010, p. 185).

“Como nossos passos vêm de longe” cabe rememorar que o percurso de escritas negro-femininas é longo, Maria Firmina dos Reis, por exemplo, escreve, em 1859, *Úrsula*, um romance abolicionista, pioneiro na crítica ao regime escravagista e que humaniza personagens que foram escravizados. Tratamos aqui de uma sociedade dolorosamente racista e sexista, assim, *Úrsula* foi um “achado” somente nos anos de 1960. Inserida em um sistema que sempre invisibilizou mulheres e homens negros, a tática de “embranquecimento” não atingiu somente Machado de Assis, Maria Firmina dos Reis, “uma maranhense” teve, por décadas, sua imagem associada à de uma jovem mulher branca da elite sulista ou reproduzida com traços bastante distintos dos seus.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Deleuze e Guattari nos recordam que *não há tão grande, nem revolucionário, quanto o menor. Odiar toda literatura de mestres.* (Deleuze & Guattari, 2014, p.52). Os conceitos de literatura menor permitem assim caracterizar produções literárias negras [ou afro-brasileiras], uma vez que abrangem a ideia de desterritorialização, tratam da subversão e das descaracterizações de representações de grupos que foram invisibilizados. Na distinção entre literatura hegemônica e literatura menor, a poeta e professora Lívia Natália afirma que a literatura menor “não pretende ser o discurso articulado de um sujeito, mas aquilo que se chamou de um agenciamento coletivo de enunciação” (SOUZA, 2018, p.33). Portanto é possível considerar que as escritas negro-femininas também são produções literárias de cunho político, uma vez que reconstituem vivências que foram cerceadas sob os discursos de subalternização.

O diálogo estabelecido nesta escrita conduz à compreensão do corpo enquanto memória, existência e pertencimento, trata-se, portanto, de, por meio de reconstrução histórica e de criação metaficcional, relacionar

narrativas de passado e de presente. A *escrevivência*⁴ de Ana Maria Gonçalves conduz ao entendimento acerca do corpo da mulher negra construído e distribuído sob discursos hegemônicos em um contexto social escravocrata e patriarcal. Para a professora Denise Carrascosa (2017), Ana Maria Gonçalves faz parte de um elenco de escritoras negras que emergem

como forma ainda indicial de ligar os pontos de uma constelação de assinaturas negras fortes que produzem luminescência visibilizadora do Atlântico Negro e que demandam o desenvolvimento de uma escuta atenta para as suas produções, que nos soam cada vez mais como uivos noturnos de uma matilha dispersa de corpos tenazes que se reclamam e, cada vez mais, desejam encontros que ampliem a sua potência de (re) agir (p. 67)

A presença da mulher negra produzindo literatura configura uma visão outra que problematiza a histórica opressão de gênero e de raça que afeta a falta de representação da imagem do corpo negro. Para Reis (2017, p.91) “a sua escrita é um ato de interpretação antropofágica que se manifesta

⁴ “Escrevivência”, neologismo de Conceição Evaristo, “seria escrever a escrita da vivência de mulher negra na sociedade brasileira”. Sobre a produção de literatura afro-brasileira, por mulheres negras, Evaristo declara: “nossa escrevivência não é para adormecer os da Casa Grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.” LIMA, Juliana Domingos de. Conceição

Evaristo: ‘minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra’ NEXO, 26 mai 2017 Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%98minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99> Acesso em 19 de agosto de 2018.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

como resistência aos diversos processos de subalternização ao qual seu corpo foi submetido ao longo de sua história”.

Em *Um defeito de cor* há representação de corpos negros que experienciaram a violência da escravidão e, na diáspora, buscaram formas de reconstituir suas identidades. A singularidade do romance dá-se pela figura feminina negra ocupando os papéis de narradora e protagonista: uma voz diaspórica do passado que representa luta e resistência. Segundo Evaristo (2016, p.100): “Ao entrecruzar as margens de gênero e etnia, no caso brasileiro, logo se percebe a especificidade histórica da mulher negra e como se deu e se dá a sua inserção na sociedade brasileira.” De acordo com Souza (2008):

Dos seus lugares desprestigiados, mulheres, afro-brasileiras/os, homossexuais, analfabetos juntamente a cultura de massa e a cultura popular atacaram o campo literário e reivindicaram para si a possibilidade de tematizar, no interior deste campo, questões e problemas sociais e passaram a conferir qualificações de etnia e gênero, por exemplo, à literatura.

⁵ Para Zilá Bernd (2003, p.90): “A figura do herói resume a tomada de consciência coletiva de que existem meios de lutar contra a opressão. A zona de tensão entre opressores e oprimidos se adensa, ficando nítido que os primeiros são capazes apenas de atos individuais e competitivos que lhes garantam a situação de dominação, enquanto entre os últimos medra a consciência de que o

A epopeia *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves, escrita em 2006, tece a trajetória da menina negra de oito anos capturada no Daomé e escravizada no Brasil e os movimentos que a transformam em uma mulher que se aproxima de um ideal de heroína⁵. Em uma narrativa que abrange mais de 80 anos de história, é possível compreender – pelo olhar de Kehinde – o contexto histórico do Brasil escravagista do século XIX, bem como analisar de que forma deu-se a construção social acerca dos corpos negros.

Por se tratar de um romance extenso com representações, significações e perspectivas muitas, estabeleço como recorte para análise, aqui, a sétima subdivisão do capítulo 2, intitulada *As descobertas*. A partir da leitura destes trechos, é possível perceber como a escrita de Ana Maria Gonçalves aborda questões de identidade e de autoafirmação na trajetória de dor, luta, (re)existência da personagem menina/mulher negra escravizada por meio deste corpo-negro-memória em diáspora africana. Para Martins:

Corpo e memória são os atavios que tecem o corpo alterno e alternativo dessa escritura. Ali, em contrapontos, contraltos, sussurros, sobretons, a negrura jubilosamente se

caminho da liberdade passa necessariamente pela organização coletiva.” Ao encontro de Bernd, Lukács (2000, p. 67) aponta que: “O herói da epopeia nunca é, a rigor, um indivíduo. Desde sempre considerou-se traço essencial da epopeia que seu objeto não é um destino pessoal, mas o de uma comunidade.”



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

ostenta, como fios de uma linguagem que reinaugura, em cada pulsação rítmica, em cada expressão figurada, em cada gesto textual, as sete faces dessas silhuetas desdobráveis [...]. E são nesses ambientes de memória que o corpo se transveste em letra e esculpe uma produção literária singular. (2007, p.67)

Ou seja, a autora reafirma a importância da memória que age nesses corpos, memória de uma coletividade identitária. Essa memória encontra, por sua vez, na literatura um campo fértil de reconstrução e ressignificação. Ainda sob este prisma, Souza (2008) afirma que:

A memória é retomada como tema literário, relida em uma clave contemporânea que não apaga o seu tom de resistência e preservação identitária e interessa-se em criar outras vias de preservação e/ou resgate da tradição. A literatura é entendida como trabalho paciente escavação lírica, fincada na beleza e na memória, atingida através de um aprendizado criativo das tradições de cantos e contos, saberes e história.

A diáspora africana reconfigura a vivência do corpo negro feminino que perde e reconstrói a sua imagem. Este corpo, como afirma Nogueira (1999, p.71), também “funciona como marca dos valores sociais,

nele a sociedade fixa seus sentidos e valores. Socialmente, o corpo é um signo”. E a forma como estes corpos e suas vivências são lidos e representados são consequência de um *status quo* de poder que replica perigosas histórias únicas, para a escritora nigeriana Chimamanda Adichie (2009): “é impossível falar de uma única história sem falar sobre poder”. Tal poder anula e modifica histórias, “como são contadas, quem as conta, quando e quantas histórias são contadas, tudo realmente depende do poder. Poder é a habilidade de não só contar a história de outra pessoa, mas de fazê-la a história definitiva daquela pessoa.”

A escrita de Gonçalves vislumbra uma leitura sensível quanto às possibilidades de ressignificação de imagens, gestos, linguagens em resposta às inúmeras formas de violência nas quais corpos negros foram submetidos na escravidão e na pós-escravidão. Declara Nascimento (1989) que “a escravidão é uma coisa que está presente no corpo, no nosso corpo, nas nossas veias”, desta forma as vivências da personagem de *Um defeito de cor* remontam aos nossos corpos e às nossas memórias ancestrais enquanto mulheres negras. E tais corpos (não) dóceis, permanecem sendo corpos que estão diretamente mergulhados num campo político⁶.

⁶ FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Vozes, 1996.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Um defeito de cor é um documento

literário e memorialístico que reconstrói uma representação de passado calcado no corpo e na diáspora de personagens escravizados. Na primeira casa que Kehinde foi submetida à escravização, na Ilha de Itaparica/BA, ela foi “escrava de companhia da sinhazinha Maria Clara, filha do Sinhô José Carlos. Ele era casado com a sinhá Ana Felipa.” (GONÇALVES, 2011, p.76). Os cuidados constantes que a gravidez da sinhá Ana Felipa exigia realocou escravizadas da senzala para a casa grande, “foi no meio dessa confusão toda que eu, depois de meses, deixei a varanda e a cozinha e entrei pela primeira vez na casa-grande, que não era chamada assim por acaso” (GONÇALVES, 2011, p. 84). É a partir deste contato com a Casa Grande que se estabelecem as significantes percepções do corpo negro de Kehinde em contraste com os corpos brancos. Na descrição do espaço transparece a surpresa e o encantamento:

Fiquei encantada com a sala de muitos móveis, com grandes sofás de madeira escura cobertos por almofadas ricas em bordados e pinturas, inteiras no comprimento do encosto e do assento, e outras soltas, menores, jogadas por cima das maiores. [...] Um outro móvel, com quatro prateleiras e porta de vidro, guardava copos de vários tamanhos e cores, em vidros tão finos que mais pareciam papel colorido, e também alguns pratos com

desenhos que a Esméria disse serem do estrangeiro, da Europa, de onde tinham saído as famílias do sinhô e da sinhá [...]. Logo à entrada, ao lado da porta, um outro móvel com guarda-chuvas e capas de chuva, chapéus de todos os tipos, cores e tamanhos, luvas, e o que eu mais gostei, um espelho. (GONÇALVES, 2011, p. 84)

Kehinde – situada em regime escravocrata perverso, que aniquilou a imagem, e o reconhecimento desta, de negras e negros deixando marcas que ainda hoje são sentidas nestes corpos – ao deparar-se com o seu reflexo no espelho fica hesitante em tal reconhecimento, ela acreditara que sua imagem era semelhante à da sinhazinha. A entrada na Casa Grande representa uma série de (des)encontros

A Esméria parou na frente dele [o espelho] e me chamou, disse para eu fechar os olhos e imaginar como eu era, com o que me parecia, e depois podia abrir os olhos e o espelho me diria se o que eu tinha imaginado era verdade ou mentira. Eu sabia que tinha a pele escura e o cabelo duro e escuro, mas me imaginava parecida com a sinhazinha. (2011, p.85)

Na construção literária de Ana Maria Gonçalves outro aspecto poeticamente traçado é o também trânsito religioso representado por Kehinde, que reflete a forma como africanas e africanos forjaram, em diáspora, o culto as suas crenças e a sua ancestralidade. “A religião foi



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

a primeira forma de resistência dos escravos, e a África forneceu elementos que vieram contribuir às necessidades do Novo Mundo, criando assim os estilos de vida do negro na América” (JOAQUIM, 2001, p. 26)

Na Bahia, os orixás já tinham tomado conta das cabeças dos pretos e o culto deles vinha de muito tempo, praticado por quase todos os africanos que, por muitos e muitos anos, iam parar naquelas terras. Nossos voduns nunca teriam força para ganhar um pouco de espaço ou atenção, e para eles estava destinado um lugar não muito longe dali, do qual, por enquanto, ela nada podia falar. (GONÇALVES, 2011, p.83)

No culto aos orixás, a imagem, simbologia e força de Oxum, orixá da fertilidade e da prosperidade, é potência na trajetória de Kehinde:

Fiquei curiosa para saber a qual orixá pertencia a minha orí,⁷ e a Felicidade disse que ia pedir à tia que falasse com o Pai Osório, para ele perguntar ao Ifá. Nem foi preciso, pois quando conversamos com a Rosa Mina, fiquei sabendo que tinha uma Oxum muito visível e poderosa na cabeça [...] Perguntei como sabia e ela respondeu que, antes de tudo, sentia, pois,

⁷ Segundo Beatriz Nascimento (1989): “Ôrí significa a iniciação a um novo estágio da vida, a uma nova vida, a um novo encontro. Ele se estabelece enquanto rito e só por aqueles que sabem fazer com que uma cabeça se articule consigo mesma e se complete com seu passado,

como filha de Oxum, eu me portava de uma determinada maneira que dava para reconhecer, mesmo convivendo comigo havia tão pouco tempo. (GONÇALVES, 2011, p.119)

Refletir sobre a imagem e as (re)significações do corpo negro de Kehinde perpassa também pela representação do espelho, abebé, de Oxum, que reflete o poder. O espelho não serve apenas para se enxergar, ele simboliza um instrumento para as guerras travadas e vencidas ao longo da trajetória da personagem. Nas palavras do professor Arivaldo Sacramento: “Esse espelho pode devir espadas”.⁸ A relação de Kehinde com o espelho, “desde que me olhei nele pela primeira vez, não consegui passar um único dia sem voltar a fazê-lo sempre que surgia uma oportunidade” (GONÇALVES, 2011, p.85), se expressa, ao longo da narrativa, como uma estratégia de resistência e pertencimento à humanidade.

Só depois que deixei de prestar atenção na menina de olhos arregalados que me encarava e vi a Esméria ao lado dela, tal qual a via de verdade, foi que percebi para que servia o espelho. Era como a água muito limpa, coisa que, aliás, ele bem parecia. Eu era muito

com seu presente e com seu futuro, com a sua origem e com seu momento ali.”

⁸ Palavras de Arivaldo Sacramento na mesa: “O olhar na imagem poética numa visão decolonial”, na I Jornada Imagens e(m) Análises, no dia 23 de julho de 2018, na Universidade Federal da Bahia.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

diferente do que imaginava, e durante alguns dias me achei feia, como a sinhá sempre dizia que todos os pretos eram, e evitei chegar perto da sinhazinha. (GONÇALVES, 2011, p.85)

Para Nascimento (1989): “É preciso a imagem para se recuperar a identidade. Tem-se que se tornar visível. Porque o rosto de um é o reflexo do outro. O corpo de um é o reflexo do outro. E cada um o reflexo de todos os corpos”. Kehinde, num processo de dupla consciência⁹, parece compreender, ainda criança, a não-possibilidade de se desvincular àquele corpo negro e com estratégias de subjetivação. O sentir-se feia da personagem insurge e Kehinde, valendo-se de estratégias, desloca o parecer de fealdade para a sinhazinha:

Quando era inevitável, fazia o possível para deixá-la feia também, principalmente em relação aos penteados. Pegava em seus cabelos com as mãos sujas de banha ou de terra e inventava maneiras estranhas de prendê-los. (GONÇALVES, 2011, p.85)

Ainda como “escravizada de companhia”, dentro da casa-grande, a insistência de Maria Clara somada à

curiosidade de Kehinde, que vai de encontro aos conselhos de Esméria, levam-na ao quarto da sinhazinha. Neste “cor-de-rosa”, Kehinde surpreende-se com aquele mundo e, novamente, reencontra-se com a sua imagem e a imagem que projetaria para si a partir daquela vivência:

A sinhazinha abriu a porta do armário e eu vi mais roupas do que dez crianças juntas poderiam vestir, e, na porta, no lado de dentro, um imenso espelho, onde era possível ver nós duas juntas, de pé e de corpo inteiro. Fiquei fascinada, e mais ainda quando ela disse que eu podia pegar uma roupa para ver como ficava em mim. Ela era maior que eu, mas, mesmo assim, escolhi um vestido longo, do mesmo tecido da cortina que rodeava a cama, com diversas camadas de saias rodadas, sendo que a de cima estava bordada com minúsculas borboletas coloridas. Ela também me emprestou pares de luvas e sapatos que não couberam nos meus pés, mas fiz questão de ficar equilibrada em cima deles, com os dedos enfiados o mais que eu podia aguentar. A sinhazinha buscou na sala uma sombrinha cor-de-rosa, que combinava com todo o resto e completava o meu fascínio. (GONÇALVES, 2011, p.86)

⁹ A dupla consciência, conceito introduzido por W.E. Du Bois, segundo Mignolo, “captura o dilema de subjetividades formadas na diferença colonial, experiências de quem viveu e vive a modernidade na colonialidade”. MIGNOLO, Walter D. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. **A colonialidade do saber:**

eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, p. 71-103, 2005. Disponível em: http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624094657/6_Mignolo.pdf Acesso em: 17 de agosto de 2018.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

E assim foi até o dia em que comecei a me achar bonita também, pensando de um modo diferente e percebendo o quanto era parecida com a minha mãe. O espelho passou a ser diversão, e eu ficava longo tempo na frente dele, fazendo caretas. (GONÇALVES, 2011, p. 86)

(GONÇALVES, 2011, p.87)

Considerações (quase) finais

Para Franz Fanon:

A literatura se engaja cada vez mais em sua única tarefa verdadeiramente atual, ou seja, levar a coletividade à reflexão e à meditação: este trabalho pretende ser um espelho para a infraestrutura progressiva, onde o negro, a caminho da desalienação, poderia se reencontrar. (2008, p.157)

A (re) constituição identitária de Kehinde é definida pela sucessão de vivências que perpassa pela criança desmembrada de sua terra, de sua família, de seu nome, que precisa forjar espaços para o culto aos Orixás, que se adapta à língua e à cultura, que lê, que decide lutar e resistir pelo povo negro, que é esposa, mãe, que retorna a África. O corpo negro e a identidade reestruturam-se diante das adversidades e da necessidade de ter domínio sobre o corpo objeto que se faz corpo sujeito.

Olhando no espelho, eu me achei linda, a menina mais linda do mundo, prometi que um dia ainda seria forra e teria, além das roupas iguais às das pretas do mercado, muitas outras iguais às da sinhazinha. Ela também deve ter me achado bonita e ficado com ciúme, pois logo deu a brincadeira por terminada e pediu que eu tirasse tudo antes que estragasse, ou antes que a sinhá Ana Felipa aparecesse e brigasse com nós duas.

Entendo que os processos de invisibilidade rompidos por Ana Maria Gonçalves compreendem uma ação política, que coloca mulheres negras como sujeitos de suas múltiplas histórias, e um discurso que subverte hegemonias disseminadas sob o manto da democracia racial. A proposta literária, e não antropológica, *Um defeito de cor* permite observar como as marcas históricas atingiram a trajetória de africanos e afrodescendentes na diáspora em terras brasileiras. Este romance de Ana Maria Gonçalves perpassa a (nossa) existência, subjetividade e identidade, como mulheres negras, uma vez que se trata de

uma aplicação histórica cuja consciência se renova permanentemente pela memória d'alma da escravidão herdada de minha ancestralidade e, antes dela, das representações negativas que estiveram desde longe associadas ao meu corpo



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

negro. (Carneiro, 2005, p. 20)

Ana Maria Gonçalves me conduz ao (re) encontro com uma mulher negra que, inserida no contexto de escravização, subverte expectativas e imposições sociais. Kehinde representa corpos negros que sofreram/sofrem com a opressão, a subjugação e a subalternidade. O olhar para o espelho de Oxum e para o espelho de Kehinde reconstitui minha imagem, minha identidade. Esta escrita é, para mim, a mostra de caminhos e reflexos de mulheres que ressurgem apontando a força da ancestralidade e que, vivas em meu corpo-memória-documento, tonificam para embates presentes e futuros em epistemologias e ações políticas de [auto] afirmação coletiva e reconhecimento de corpos negros.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda. O perigo de uma única história. Tradução de Eri a Barbosa. Original disponível em: http://www.ted.com/tal/s/lang/pt-br/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html. s/d. Tradução disponível em: <http://www.google.pt/url>, 2009.
- BHABHA, H. O local da cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013. Original de 1998.
- BERND, Zilé. Literatura e identidade nacional. Editora da Universidade, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. 2005. Tese de Doutorado. Disponível em: <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-construc3a7c3a3o-do-outro-como-nc3a3o-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf>
- CARRASCOSA et al. Rotas, Bússolas, Sextantes, Faróis, Sotaventos, Porões, Portos, Nós nas traduções de textos literários Negros. In: CARRASCOSA, D. (org.) Traduzindo no Atlântico Negro: cartas náuticas afrodiáspóricas para travessias literárias. Salvador: Ogum's Toques Negros. p. 63-75
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O que é uma literatura menor? In: _____ Kafka: por uma literatura menor. Autêntica, 2014.
- EVARISTO, Conceição. O entrecruzar das margens – gênero e etnia: breves apontamentos da mulher negra na sociedade brasileira. In: DUKE, Dawn. A escritora afro-brasileira: ativismo e arte literária. Belo Horizonte: Nandyala, 2016.
- FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. EDUFBA, 2008.
- GONÇALVES, Ana Maria. Um defeito de cor. 7 ed. – Rio de Janeiro: Record, 2011.
- HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. Revista do patrimônio histórico e artístico nacional, v. 24, p. 68-76, 1996. Disponível em: <http://www.iphan.gov.br/baixaFcdAnexo.do?id=3201>
- JOAQUIM, Maria Salette. O papel da liderança religiosa feminina na construção da identidade negra. Pallas Editora, 2001.
- LUKÁCS, G. A teoria do romance. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas cidades, 2000.
- MARTINS, Leda. A fina lâmina da palavra. O Eixo e a Roda: revista de literatura brasileira, v. 15, p. 55-84, 2007. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/3262
- NASCIMENTO, Maria Beatriz. Textos e narração de Ori. Transcrição (1989).
- NOGUEIRA, Isildinha B. O corpo da mulher negra. Pulsional Revista de Psicanálise, v. 13, n. 135, 1999. Disponível em: http://www.editoraescuta.com.br/pulsional/135_04.pdf
- SOUZA, Livia Natalia. Uma reflexão sobre os discursos menores ou a escrevivência como narrativa subalterna. **Revista Crioula**, n. 21, p. 25-43, 2018.
- REIS, Luciana. Entendendo a travessia: por uma tradução escrevivente. In: CARRASCOSA, D. (org.) Traduzindo no Atlântico Negro: cartas náuticas afrodiáspóricas para travessias literárias. Salvador: Ogum's Toques Negros. p. 77-115.
- SOUZA, Florentina da Silva. 30 anos de leitura. 2008. Disponível em:



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas

em homenagem a Florentina Souza de Almeida

<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-criticos/129-florentina-souza-30-anos-de-leitura>